

# **A Ecoimigração: uma dinâmica migratória para espaço rural**

**Maria Luísa Francisco**

## **Comunicação**

### **1. Introdução**

Nesta comunicação começamos pela constatação de que a vida rural tal como tem sido conhecida está ameaçada na sua continuidade, devido ao abandono da actividade agrícola, e devido ao processo de desertificação.

No estudo do concelho sobre a imigração no Monchique, encontramos um campo fértil de investigação em termos da evolução da população humana pelas características que vêm tomando nos últimos anos. Embora esta seja uma das zonas que está a sofrer com a desertificação, é também uma zona que está a ser de algum modo repovoada por imigrantes, que procuram um contacto mais próximo com a Natureza.

A presente comunicação terá por base a investigação realizada no concelho de Monchique em que se problematizou uma imigração ecológica (Ecoimigração) numa perspectiva da Ecologia Humana, ou seja, tendo em atenção a integração no meio social e a forma de relacionamento com o meio ambiente.

Não encontramos qualquer definição de imigrante ecológico ou de ecoimigração. Temos a noção de que o prefixo eco tanto pode ser associado a economia como a ecologia. A elaboração de uma definição de ecoimigração tornou-se pertinente desde logo, na medida em que estamos actualmente perante o fenómeno de imigração por razões do foro económico, podendo este novo termo suscitar novas leituras acerca da origem do prefixo. Criamos a definição para referir a imigração por razões do foro ecológico.

Assim, resolvemos definir a ecoimigração como uma imigração de populações com elevado nível económico, cultural e académico, para espaços de significativo valor ecológico, predominantemente áreas rurais, numa lógica de desenvolvimento pessoal e sustentável.

Antes de avançar mais convém fazer algumas referências à área geográfica em questão: O concelho de Monchique ocupa uma área de 395,8 Km<sup>2</sup> do noroeste do Algarve. A população residente no concelho de Monchique, segundo os Censos 2001, é constituída por 6.974 habitantes (sendo 3.577 homens e 3.397 mulheres). De acordo com dados do INE estes números têm vindo a decrescer desde a década de 60. Esta é uma vila algarvia que tem chamado algumas atenções, também conhecida como a “Sintra do Algarve” tem chamado a atenção de botânicos e geólogos de todo o mundo pela sua vegetação. Existem algumas árvores célebres em Monchique, tais como a magnólia (*Magnolia grandiflora*), a araucária (*Araucaria heterophylla*) e o carvalho das Canárias (*Quercus canariensis willd*) que é o único em toda a Europa.

A foiaíte (sienito nefelínico), pedra da família dos granitos que se caracteriza pela ausência de quartzo e pela existência de mais de 30% de nefelina, também chamou a atenção de muitos geólogos. Tanto quanto nos foi referido pelo dono da Pedreira de Monchique, este interesse chegou à China e ao Japão. Referiu-nos ainda que o Japão foi, até ao início da década de 90, o maior importador desta pedra, e que a China, desde então, passou a ocupar esse lugar, importando cerca de 70% da produção em bloco desta Pedreira. Existem importantes obras públicas pavimentadas, revestidas interior ou exteriormente pela foiaíte. Por exemplo o Banco do Japão, o Centro Cultural de Quioto, o Museu Takamatsu no Japão e a sede da Seguradora Kuk Min na Coreia do Sul e brevemente um hotel de luxo na capital da Arábia Saudita.

Monchique tornou-se conhecida nos meios científicos internacionais na área da botânica e da geologia. É fácil encontrar literatura especializada na área das ciências naturais. No entanto, não se encontram frequentemente abordagens na perspectiva da ecologia humana e das ciências humanas sobre este tão rico espaço ecológico.

Ora, a análise das populações que se instalaram no concelho e que se procuraram enquadrar nos valores essenciais de uma relação de equilíbrio com o meio ambiente, e daí a designação de ecoimigrantes – é bem mais vasta que a área do concelho e verifica-se um pouco por todos os concelhos do Algarve. Através de contacto telefónico estabelecido com a Direcção Regional do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) em Faro, ficamos a saber que em

todos os concelhos algarvios existem estrangeiros com estatuto de residente. Monchique, pelas suas características ecológicas, é um concelho que tem atraído muitos estrangeiros, isso faz-nos perspectivar a possibilidade de ser criada uma imagem de marca no turismo serrano (normalmente os actuais residentes estrangeiros foram no início turistas, como foi possível verificar através das entrevistas que realizámos), um turismo de qualidade, que respeite o ambiente e que seja sustentável. Estamos, portanto, a falar de Ecoturismo, como conceito chave e estrutural para o equilíbrio do património natural e do desenvolvimento local.

## **2. *Modus vivendi* rural**

Hoje verifica-se uma tendência para o culto do meio rural e do modo de vida rural. Como refere Luís Baptista: “Um dos mitos modernos mais presentes na vida contemporânea é o da necessidade de ‘regresso aos campos’(...) a edificação do mito rural se prende nas sociedades contemporâneas, sobretudo desde os anos 60 para cá (...) a discursos embelezadores das virtudes da vida nos campos doutros tempos e que é ampliado pelas práticas de certos grupos interessados na requalificação das imagens de ancestralidade.”

Apesar do processo de desertificação a paisagem rural, por ter na sua base a própria natureza, aparece ligada a uma ideia de regresso ao passado, como símbolo de identidade, como património cultural. Digamos que o meio rural aparece, para aqueles que não vivem nele, como paradigma ecológico de qualidade de vida.

Nestas várias premissas encaixa-se perfeitamente a população estrangeira residente no concelho de Monchique, que parece viver com tal intensidade essa comunhão com a Natureza que faz dela e nela o seu modo de vida. A Natureza “como objecto de arte”, por exemplo, está patente na actividade de alguns estrangeiros artesãos, que através de matérias primas aparentemente insignificantes, criam a base do seu sustento.

A ruralidade é muito mais do que a paisagem, a ruralidade é um *modus vivendi*, ou se é ou não se é. Pode, de facto, ter-se uma casa no campo, um jipe, alguns animais, ou até uma horta que não se passa de urbano a rural ou de

citadino a camponês. Tem a ver com questões culturais e de identidade e não com aspectos económicos.

“A distinção rural - urbano refere-se mais a identidades de sub-culturas do que a uma estratificação económica”. (Espírito Santo, 1999: 250)

Para que a vida rural sobreviva e se desenvolva ela tem de ser mais do que uma recordação nostálgica. “O nosso bem estar psíquico, a nossa qualidade de vida, diversidade cultural e criatividade, já para não falar em equilíbrio ecológico, requerem a manutenção de áreas rurais na nossa sociedade (...). No entanto podem ser encaradas como bolsas de resistência à ameaça constante de homogeneidade cultural e à standardização da produção.” (Measures, 1995: 7)

Os residentes estrangeiros parecem mais atentos e sensibilizados para as questões ecológicas. O facto de serem provenientes de outros contextos nacionais muito provavelmente com um nível de formação mais elevado do que a população rural em geral, permite-lhes ter uma postura diferenciada em relação ao meio ambiente. Não será por acaso que a maioria das iniciativas de turismo em espaço rural, embora reduzidas, sejam exploradas por residentes estrangeiros.

### **3. A população estrangeira**

O despovoamento do interior algarvio, nomeadamente na Serra de Monchique, é um dos factores da mudança demográfica, que se deve à melhoria das condições de vida, à oferta de emprego e à melhoria dos acessos.

Em oposição ao fenómeno do êxodo rural, verificado ao longo das últimas décadas, pode observar-se desde finais do século XX uma tendência para o êxodo urbano. Este fenómeno é motivado pela procura de uma maior qualidade de vida e o desejo de uma maior proximidade com a Natureza.

O facto dos estrangeiros que procuram certas regiões do nosso país, em particular a Serra de Monchique, se instalarem em locais isolados faz-nos crer num possível repovoamento do campo. Isto porque a sua instalação em locais isolados onde praticamente só existiam casas em ruínas, tem dado lugar a algumas casas recuperadas. Nalguns casos onde apenas residiam idosos,

estes tornaram-se menos susceptíveis de abandonar o local de residência por se sentirem mais acompanhados.

A maioria dos estrangeiros residentes no concelho, escolheu zonas rurais para se fixar.

Estamos perante diferentes tipos de residentes estrangeiros no concelho de Monchique: os residentes permanentes, que instalaram o seu negócio no concelho de Monchique; os residentes temporários, que são aqueles que têm casas na Serra onde passam temporadas, encontramos estrangeiros que passam o Outono e Inverno em Monchique por ser mais ameno do que nos países de onde são originários e por fim os residentes nas férias que as passam nas suas próprias casas, em casa de amigos ou arrendam através de uma agência de viagens ou ainda através de empresas especializadas no arrendamento de vivendas de luxo para férias, em Monchique existe uma empresa dessa natureza e as respectivas vivendas.

De acordo com o nosso estudo a qualidade ambiental de Monchique é de grande importância para quem escolhe este destino para residir. Entrevistamos 10% da população estrangeira residente no concelho. Optamos por uma metodologia de aprofundamento das entrevistas que melhor representam o universo dos estrangeiros residentes no Concelho de Monchique. Este universo composto por 260 residentes estrangeiros é baseado nos dados oficiais do SEF e verificado pela observação no terreno.

Os locais de instalação maioritariamente escolhidos pelos estrangeiros são as zonas mais rurais do concelho, por vezes até zonas praticamente inacessíveis, mas que não são obstáculo a quem muitas vezes procura um sítio longe de tudo e de todos. A preocupação dos estrangeiros que se mudam para Monchique é instalar-se num local sossegado, uma vez que a maioria, como já foi referido, é proveniente de grandes espaços urbanos.

Dentro deste vasto leque de imigrantes podemos encontrar os que se situam na Fóia e na sua encosta (A Fóia é o ponto mais alto do Algarve com 902m de altitude e de onde se pode avistar grande parte do Litoral Algarvio e da Costa Vicentina) como sendo os estrangeiros com maior poder económico e com idades mais avançadas. É fundamentalmente uma população proveniente da Europa Ocidental, na maioria reformados com mais de sessenta e cinco anos de idade, alto nível de escolaridade e rendimentos acima da média do nosso

país. São estrangeiros que habitam em vivendas luxuosas com aquecimento central, piscina e grandes jardins. “É do conhecimento comum que este grupo é composto essencialmente por reformados do Reino Unido, da Alemanha e dos países escandinavos, atraídos por uma região de clima ameno onde possam passar ‘o ocaso das suas vidas’.” (Baganha, 2001: 19)

Nas Caldas de Monchique, concretamente na Urbanização do Montinho, encontramos estrangeiros com as mesmas características dos estrangeiros residentes na Fóia. São as duas zonas de Monchique onde o metro quadrado de terreno é mais elevado, ambas situadas na Freguesia de Monchique.

Na freguesia de Alferce, uma freguesia cuja vista não é tão panorâmica como noutras áreas do concelho, e que é um pouco húmida nalgumas zonas, encontramos estrangeiros com menor poder económico, que vivem de um modo simples, alguns têm *resquícios* de *hippies*, cultivam um aspecto rural e têm uma forte ligação à terra, designado-se como artistas ou artesãos.

Marmelete é a freguesia limítrofe do concelho de Monchique com o de Aljezur e pode dizer-se que não há diferenças significativas entre os estrangeiros de um e outro concelho, a principal diferença é que em Aljezur existem ligeiramente mais estrangeiros do que em Monchique. Os estrangeiros residentes nestas áreas rurais vivem de uma forma desprendida, sem complexos e alguns são tipicamente *hippies*.

Os estrangeiros que vivem em zonas mais remotas do concelho de Monchique, não revelam grande preocupação em relação à falta de acessos e infra-estruturas. Embora hoje já existam mais áreas rurais com electricidade, ainda foi possível encontrar algumas famílias que não têm electricidade nem água canalizada.

Um desses casos é o dos Índios que se instalaram junto a uma ribeira e a uma fonte. São os bens mais preciosos que têm. Não se queixam, pois faz parte da sua lógica de vida, não ter nada artificial. Sentem-se perfeitamente adaptados ao meio e consideram a Natureza a sua “Grande Escola”. Na parte final da entrevista disseram: “Não constituímos qualquer ameaça para a natureza, pelo contrário, cuidamos dela e devolvem-lhe tudo”.

Com os índios sentimo-nos num *espaço arcaico* que é simultaneamente um espaço fora do tempo e mesmo quase um não-lugar porque nos mostra uma nova forma de (vi)ver o mundo num espaço que ganhou outro sentido de lugar.

É um espaço que ganha sentido com aquela presença, caso contrário seria apenas uma mata íngreme!!!!

Pode-se considerar os “índios” como um grupo que vive um imaginário de índio e que integrou e assimilou essa realidade no seu quotidiano. Reconstruíram a sua história e reconfiguraram o seu projecto étnico, não sendo preciso estar em terras de índios para “ser índio”. Isto tem a ver com o processo de globalização da cultura e dos modos de vida.

Na seguinte imagem podemos ver a filha do chefe da comunidade / tribo juntamente o marido, “Raposa veloz”, que ocupa o segundo lugar na hierarquia da comunidade, ao colo o pequeno Samuel, filho de ambos.



“Há uma necessidade urgente de focalizar as dinâmicas culturais naquilo a que hoje se chama a desterritorialização” (Appadurai,1997: 49 citado em Silvano, 2001: 89)

Em Appadurai é possível encontrar “ideias inspiradoras para o entendimento mais global da relação do espaço com a cultura contemporânea (..).” (Silvano, 2001: 41)

Encontrámos uma outra família que vive também em grande comunhão com a Natureza, não tem electricidade, nem água, mas adquiriu um gerador para poder ter energia para usar alguns electrodomésticos, para ligar o computador e a aceder à Internet. A ligação telefónica é o que de mais *evoluído* têm.

Os modos de vida destes imigrantes ecológicos não colide em nada com os modos de vida da população de acolhimento. Apenas têm visões diferenciadas. Estamos perante uma população que vê a natureza como objecto de arte, (muitos destes imigrantes dedicam-se à criação de peças artísticas a partir simples matérias primas encontradas pelos campos). Estamos perante uma população que vê a natureza como sítio de refúgio, em contraposição com uma população local que vê a natureza como um sustento, ou mesmo quando a produção não compensa a vê como “um ritual que lhe permite manter a sanidade mental”. (Jenkins, 1979: 35) Este sociólogo britânico curiosamente foi um dos ecoimigrantes. Respondeu a um anúncio colocado num jornal pela mais antiga residente estrangeira. Esta procurava um trabalhador agrícola, oferecendo alojamento em troca.

Nos 10 meses que Robin Jenkins esteve no Alto de Cima e no Correntinho, conheceu muitos agricultores e problematizou o futuro daquele sítio (que pertence à Freguesia do Alferce) e concluiu o seu trabalho dizendo que os eucaliptos destruiriam aquela zona. Daí que o livro fruto desse trabalho tenha sido traduzido para português com o título: *Morte de uma aldeia portuguesa*. O título original é *The road to Alto*. Este título em inglês tem a ver com o facto de a estrada para Alto ter contribuído para as pessoas se irem embora ainda mais depressa.

Robin regressou para o seu país, onde tem actualmente uma grande exploração de agricultura biológica. É nesta área considerado um empresário



de sucesso. Entretanto continua a vida académica proferindo conferências sobre a agricultura biológica, sendo um dos grandes mentores deste tipo de agricultura na Grã-Bretanha.

Refere no seu livro: “Tenho pena que mesmo a versão portuguesa deste livro seja inacessível para a população de Alto. O analfabetismo constitui uma barreira intransponível entre a obra e as pessoas de quem fala.” (Jenkins, 1983:8)

#### **4. Contributos para a dinâmica do concelho**

Embora a actividade dos estrangeiros nem sempre seja considerada relevante como dinamizadora da actividade económica, ela acaba por estar presente em certas iniciativas. Podemos afirmar que algumas das iniciativas desenvolvidas por estrangeiros são dinamizadoras da actividade económica e cultural, são elas: O Omega Parque, único Zoo no mundo exclusivamente dedicado a espécies de animais em vias de extinção, onde se podem ver ao vivo perto de 100 animais de cerca de 30 espécies raras; o Hotel para Gatos, que não traz grandes lucros para o concelho nem mesmo para os proprietários, mas que tem interesse por ser um projecto inovador; a Galeria de Arte chamada *Porca Preta* em que uma correnteza de casas antigas foi transformada em espaço de exposição permanente de pintura e inclusive um curral foi reaproveitado dando lugar a uma pequena explanada; o Projecto de Trenó Estival na Fóia, que combina a componente ambiental com a componente lúdica, ambas integradas num parque temático que proporcionará a observação da fauna e da flora e ainda o confronto com uma paisagem deslumbrante que abrange toda a costa da região algarvia. A realizar-se seria uma iniciativa inovadora em Portugal; Exposições de Pintura que têm sido realizadas na Junta de Freguesia de Monchique e cujo espaço está aberto a todos os estrangeiros; Tai Chi Chuan realiza-se um pouco por todas as freguesias do concelho e têm atraído pessoas de fora de Monchique. Os principais locais onde se pratica já foram visitados por Monges Budistas. Em 2001 esteve em Monchique, mais concretamente no Centro Karuna (Templo Budista) situado na encosta sul da Picota (serra com 774m de altitude), um dos mestres de Dalai Lama que falou

para cerca de 120 pessoas. Este acontecimento foi manchete no *Jornal de Monchique*; e outras actividades como Massagens relaxantes, Quiroprática, Aroma terapia, Acupunctura, Reflexologia, Astrologia, Cristal terapia, Yoga, Meditação, Defesa pessoal, Karaté, Passeios a cavalo e de bicicleta.

Alguns dos residentes estrangeiros que se dedicam ao artesanato utilizam, tal como já foi referido, matérias primas encontradas no concelho de Monchique, tais como bolotas, sementes de eucalipto, cortiça, raízes, pinhas, frutos silvestres, flores secas ou materiais como telhas velhas, pedaços de madeira, tábuas, etc...A partir destes materiais fazem trabalhos criativos que vendem em feiras e exposições. A própria Junta de Freguesia de Monchique criou uma Feira / Mostra Anual de Artesanato designada *Artechique*, que se realiza desde 1995 e cujo número de participantes / expositores estrangeiros residentes no concelho de Monchique tem aumentado todos os anos.

Um dos grandes contributos é sem dúvida o referido Zoo de espécies em vias de extinção. Monchique tem os requisitos há muito procurados pelo casal britânico, pois segundo eles tem um clima favorável e terreno excelente para o fim pretendido. O facto de Monchique ser anualmente visitado por mais de um milhão de turistas, abre boas perspectivas de negócio.

Quem sabe se este projecto não se enquadra naquilo que em 1951, Gomes Guerreiro escrevia acerca de Monchique:

(...) Monchique transformado em Parque Nacional, com reservas de fauna e de flora (...) (Guerreiro, 1951: 24)

e o autor imaginava mais para Monchique:

(...) imaginemos esta parte serrenha transformada num povoamento florestal contínuo, com bosquetes de pinheiros, acácias, choupos, eucaliptos, salgueiros, estradas a cortarem-se em todas as direcções, pousadas disseminadas pela serra, lagos artificiais de albufeiras à volta dos quais se formariam centros de turismo e de desporto(...) (Guerreiro, 1951: 24)

## 5. Conclusão

Esta população imigrante tem características únicas que só se começaram a fazer sentir no Algarve principalmente nos últimos quarenta anos, altura em que se instalaram os primeiros estrangeiros no Concelho. É uma população à procura de um clima ameno e condições de vida associadas ao património natural. É uma população muito diversa a nível etário e a nível económico. Embora a maioria viva em condições económicas acima da média da população portuguesa, existem casos de famílias que vivem quase exclusivamente da sua auto-produção.

Pode falar-se também da existência de uma primeira geração nascida em Monchique, filha de pais imigrantes e de uma terceira geração de estrangeiros, netos dos primeiros residentes.

A imigração que afloramos neste trabalho é essencialmente uma imigração que passamos a designar de ecoimigração pela existência de razões ecológicas na sua base, razões essas ligadas à procura de um aumento da qualidade de vida no meio rural. Através das entrevistas constatamos que estamos perante populações cujo processo de integração e assimilação da cultura rural não encontrou obstáculos significativos. Pela forma como os estrangeiros residentes estão integrados no meio, consideramos que podem ter um papel significativo no desenvolvimento turístico em espaço rural e na dinamização cultural e económica do concelho.

### Bibliografia

BAGANHA, M. Ioannis; MARQUES, J. Carlos, **Imigração e Política – O caso português**, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa, 2001

BAPTISTA, Luís Vicente, *Mito rural, ruralidade, campos e cidades: Proposta de reflexão a propósito de uma cidade insular* in **Fórum Sociológico**, nº1 e 2 (2ª série), 1999, pp. 283-288

CAVACO, Carminda, **Portugal Rural: da tradição ao moderno**,  
Ministério da Agricultura, Lisboa, 1992

ESPIRITO SANTO, Moisés, **Comunidade Rural ao Norte do Tejo  
seguido de vinte anos depois**, Universidade Nova, Lisboa, 1999

FRANCISCO, M. Luísa, **A Ecoimigração no concelho de Monchique:  
uma perspectiva socio-ecológica**, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa,  
2002, [ Texto Policopiado]

GUERREIRO, M. Gomes, **Valorização da Serra Algarvia. A Erosão, a  
cobertura vegetal e a água**, s.l., Direcção Geral dos Serviços Florestais e  
Agrícolas, 1951

JENKINS, Robin, **Morte de uma Aldeia Portuguesa**, Editorial Querco,  
Lisboa, 1983

LINK, Friedrich, **Travel's in Portugal and through France and Spain**,  
Longman and O. Rees, Londres, 1801

MEADOWS, D.; MEADOWS, D; RANDERS, J., **Além dos Limites: da  
Catástrofe Total ao Futuro Sustentável**, Difusão Cultural, Lisboa, 1993

MEASURES, John e Madge, **Portugal Meridional – Gentes, Tradições,  
Fauna e Flora**, Associação *In Loco*, Faro, 1995

SILVANO, Filomena, **Antropologia do Espaço – Uma introdução**, Celta  
Editora, Oeiras, 2001

STANISLAWSKI, Dan, **Portugal's Other Kingdom – The Algarve**,  
University of Texas Press, Austin, 1963